

OS LUGARES PARA A HISTÓRIA E A CONSTRUÇÃO TURÍSTICA NO BAIRRO DA URCA, RIO DE JANEIRO: PROCESSOS HISTÓRICOS E CONFRONTOS POLÍTICOS REPUBLICANOS EM DIFERENTES TEMPORALIDADES

**Historic Places and Touristic Construction of the Urca District, Rio de
Janeiro: Historical Processes and Republican Political
Confrontations at Different Times**

Vera Lucia Bogéa Borges¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v14i1p76>

RESUMO

O objetivo deste artigo é o de refletir sobre a construção turística no bairro da Urca, na cidade do Rio de Janeiro [Brasil], tendo como referência os processos históricos e os confrontos políticos republicanos ocorridos a partir tanto da criação, destinação e/ou demolição de logradouros quanto das manifestações e/ou embates acontecidos nas ruas, envolvendo grupos sociais na cidade, quando na condição de Capital Federal. Assim, quatro contextos históricos são selecionados no período entre 1904 e 1966. O estudo é de natureza qualitativa com a realização de pesquisa bibliográfica e consulta a periódicos da grande imprensa nas diferentes temporalidades, compreendidas como lócus privilegiado de investigação a partir do acesso pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Por intermédio da História, a construção turística da Urca pretende contribuir para que o bairro seja reconhecido pelos turistas e/ou residentes para além da fundação da cidade e da existência ali de um dos atrativos turísticos mais importantes da cidade do Rio de Janeiro, o Pão de Açúcar.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo; História; Construção Turística; Confrontos Republicanos; Bairro da Urca, Rio de Janeiro, Brasil.

ABSTRACT

The objective of this paper is to reflect on the touristic construction of the Urca District in Rio de Janeiro [Brazil] with reference to historical processes and republican political confrontations, based both on the creation, utilization, and demolition of structures and the manifestations and clashes that happened in the streets involving social groups when the city was Brazil's capital. Four historical contexts were selected between 1904 and 1966. The study is qualitative in its nature, based on bibliographical research and consulting periodicals published in the different periods that were accessed by the digital newspaper collection of the National Library. From a

¹ **Vera Lucia Bogéa Borges** – Doutora. Docente na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/8670429087282380> E-mail: vera.borges@unirio.br

historical perspective, the touristic construction of Urca intends to help the district be recognized by tourists and residents as the site of the city's founding and as the place where are location Pão de Açúcar, one of the most important tourist attractions in the city of Rio de Janeiro.

KEYWORDS

Tourism; Historic; Touristic construction; Republican confrontations; District of Urca, Rio de Janeiro, Brazil.

INTRODUÇÃO

A Urca situa-se na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, tendo localização privilegiada entre o morro do Pão de Açúcar e a Baía de Guanabara. O bairro conta com uma área de pouco mais de um quilômetro quadrado e sua história se confunde com a fundação da cidade. Neste sentido, duas referências do bairro são destacadas para os turistas que visitam a cidade, a primeira sendo a estação do Bondinho do Pão-de-Açúcar, na praça General Tibúrcio. Este modal de transporte leva ao topo do morro, permitindo apreciar a paisagem local a partir do atrativo turístico. O percurso é realizado em duas etapas, com parada obrigatória no Morro da Urca.

Este monumento natural é formado por dois morros, cuja história geológica tem mais de quinhentos milhões de anos, sendo o sítio geológico formado por um conjunto envolvido pela Mata Atlântica, com expressiva biodiversidade em termos de flora e fauna. Em 2006, a Prefeitura do Rio de Janeiro oficializou a Unidade de Conservação, que passou a ser conhecida como Monumento Natural [MoNa] dos Morros do Pão de Açúcar e da Urca (Mona, 2020). Frequentemente, para os turistas, a segunda referência do bairro trata da fundação da cidade, ocorrida em 1565, pelos portugueses, por intermédio de Estácio de Sá que desembarcou na Praia de Fora, que atualmente pode ser acessada pelo Forte de São João (Gerson, 2015).

O objetivo principal do presente artigo é o de refletir sobre a construção turística no bairro da Urca, tendo como referência os processos históricos e os confrontos políticos republicanos ocorridos a partir tanto da criação, destinação e/ou demolição dos logradouros; quanto das manifestações e/ou embates que aconteceram nas ruas, envolvendo grupos sociais no Rio de Janeiro, quando na condição de Capital Federal e, posteriormente, como Estado da Guanabara.

Quatro contextos históricos são selecionados. O primeiro refere-se à Revolta da Vacina (1904) e seus desdobramentos na Praia Vermelha. Depois, à Exposição Nacional de 1908 – Agrícola, Industrial, Pastoril e de Artes Liberais – comemorativa ao Centenário de Abertura dos Portos às

Nações Amigas, com destaque para a existência do Pavilhão dos Estados que anteriormente havia sido destinado à Escola de Guerra. O terceiro refere-se ao funcionamento da unidade militar 3º RI, que foi protagonista principal da Revolta Comunista de 27 de novembro de 1935, sob inspiração da Aliança Nacional Libertadora [ANL]. Em poucas horas, o conflito foi dominado pelas forças comandadas pelo general Eurico Dutra, que bombardearam violentamente aquela parte do bairro da Urca.

Por fim, em 1966, o Massacre da Praia Vermelha, com a invasão da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro pela polícia da ditadura militar. O desdobramento deste confronto resultou na demolição da Escola da Praia Vermelha, que abrigara o Curso de Medicina, entre 1919 e 1972, e a transferência do mesmo para a ilha do Fundão. Para os professores da Faculdade de Medicina da UFRJ, estudar na Escola da Praia Vermelha significava acumular um enorme capital social e esse prestígio estava relacionado a uma conjugação de fatores. Dentre eles, pode-se destacar a grandiosidade arquitetônica de sua sede, a memória da instituição representada nos quadros de professores que por lá passaram ao longo de dois séculos e, também, pelo intenso convívio existente entre professores, alunos e funcionários.

A possibilidade da construção turística da Urca a partir desses processos históricos, analisados na pesquisa, demonstra que o bairro pode ser reconhecido pelos turistas e/ou residentes a partir de perspectivas históricas diferenciadas, superando as referências consolidadas associadas à região, isto é, a fundação da cidade e a existência ali, de um dos atrativos turísticos mais importantes da cidade do Rio de Janeiro, o Pão de Açúcar.

O trabalho está dividido em quatro partes. A primeira delas é o referencial teórico a partir da breve discussão sobre os lugares para a história, com a reinterpretação do passado à luz do presente e, para tanto, pensar o sofrimento e a violência que marcaram a Urca como elementos constitutivos do bairro. A partir da escolha de quatro momentos republicanos, o estudo reflete sobre a responsabilidade do historiador diante do presente, uma vez que os embates que marcaram as ruas, avenida e prédios do bairro são demonstrações de batalhas sangrentas travadas ao longo da história do Rio de Janeiro. As bandeiras de lutas e os desfechos dos confrontos travados ali foram comprovações do sofrimento de grupos sociais, como militares, estudantes e militantes de esquerda, sendo que suas opiniões, falas e visões que ficaram para a posteridade fazem parte dos lugares políticos para a história. Portanto, no presente, a Urca pode

ser visitada a partir de percursos que valorizem os vestígios e os apagamentos que marcam a história do bairro e suas possibilidades para as construções turísticas na atualidade.

A segunda parte refere-se a metodologia com as considerações acerca das etapas da pesquisa e a problematização das fontes históricas referentes à grande imprensa. Já a terceira parte apresenta os quatro contextos históricos entre 1904 e 1966 e algumas conexões com a cobertura jornalística sobre os confrontos travados na Urca. Por fim, nas considerações finais, as construções turísticas, os processos históricos e os confrontos políticos com seus ecos no bairro da Urca são articulados enquanto possibilidades de visita para além da tradicional ida ao Pão-de-Açúcar.

REFERENCIAL TEÓRICO

O trabalho tem como motivação inicial o estudo dos lugares frequentados constantemente no bairro da Urca, localizado na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, a partir de uma dupla chave, isto é, a minha formação acadêmica na História e, também, da atuação profissional no Turismo, que vivencio nos últimos anos. Assim, a reflexão tem como fio condutor quatro diferentes contextos históricos que marcaram as ruas, avenidas, prédios e ou construções arquitetônicas ali existentes, partindo das pistas encontradas e dos apagamentos produzidos. Segundo Arlette Farge (2011), “há lugares para a história que permitem confrontar o passado e o presente interrogando de outra forma os documentos e os acontecimentos, buscando articular o que desaparece com o que aparece” (p.9).

Frequentemente, as menções acerca da Urca estão relacionadas ao atrativo turístico do Pão de Açúcar, à localização geográfica privilegiada do bairro na cidade do Rio de Janeiro, às construções bem conservadas, testemunhando diferentes estilos arquitetônicos como, por exemplo, colonial [Fortaleza de São João], neoclássico [Palácio Universitário, atual UFRJ], eclético [Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais, CPRM] e art deco [Edifícios Urca e Sabará] (Czajkowski & Sendyk, 2000; Czajkowski, 2000^a, 200b). Todavia, essa visão de superfície do real não permite evidenciar a violência de protestos, os embates travados, os bombardeios e as invasões que aconteceram ali, demonstrando a rugosidade da cidade para além da visão idealizada de perfeição que parece acompanhar a história do bairro. Como afirma Farge (2011), a “abordagem do descontínuo, do que não se conecta automaticamente a um sistema liso de

continuidades e de causalidades evidentes, tem a vantagem de isolar cada acontecimento e de devolvê-lo a sua história pura, áspera, imprevisível” (p.10).

Em 1º de março de 1565, Estácio de Sá fundou a Vila de São Sebastião do Rio de Janeiro na atual Praia de Fora, entre os morros Cara de Cão e Pão-de-Açúcar, com o objetivo de expulsão dos franceses, comandados por Bois-le-Comte e seus aliados, os índios Tamoios, que estavam estabelecidos na Baía de Guanabara (Knauss, 2008). É importante observar que o primeiro registro histórico que se tem daquilo que futuramente passou a ser identificado com o bairro da Urca, foi marcado por disputa, combate, mortes que tinham raízes nas rivalidades existentes na Europa moderna. Após a expulsão francesa, em combate chefiado por Mem de Sá, em 20 de janeiro de 1567, a cidade foi fundada em local mais adequado, estratégico e amplo, isto é, o Morro do Castelo. A partir de então, o núcleo inicial passou a ser chamado de Vila Velha, com função de defender a Baía de Guanabara (Guia Michelin, 1990).

A transformação da área da Urca em bairro só aconteceu trezentos e cinquenta anos depois da criação originária da Vila. Uma das possibilidades mais aceitas para o nome do bairro tem ligação com a semelhança desse morro com a proa dos navios flamengos, chamados urcas, que frequentemente entravam na baía. No século XIX, o comerciante português Domingos Pinto obteve a concessão da Intendência Municipal para a construção de um cais ligando a Praia da Saudade à Fortaleza de São João. Todavia, o Exército acabou embargando esta obra e nova investida na região aconteceu, em 1919, com o engenheiro Oscar de Almeida Gama por intermédio da Sociedade Anônima Empresa da Urca (Bairro da Urca, s/d).

Gradativamente, as áreas alagadiças da região foram sendo substituídas pelos sucessivos aterros que marcaram a cidade, sendo que o plano geral de arruamento e loteamento da Urca foi aprovado em 1922. A criação artificial do bairro com ruas planejadas e a ideia de local elegante e destinado às camadas médias e altas da cidade, certamente contribui para essa idealização que se consolidou ao longo do tempo de lugar visualmente agradável. Entretanto, a possível harmonia que envolve as referências à Urca pode ser revista a partir da pesquisa histórica, religando os grupos sociais que viveram ou circularam por ali, indicando os lugares de sofrimento, violência e guerra que podem ser [r]elaborados no presente. Neste sentido destacam-se dois eixos, ou seja, o da defesa com os militares que atuaram e/ou viveram no bairro [antiga Escola Militar da Praia Vermelha e edifícios militares da Praça General Tibúrcio] e o do ensino, com as instituições de ensino e pesquisa através de seus professores, estudantes e

funcionários que frequentavam essas instituições [UFRJ, Instituto Benjamin Constant e Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais].

Após as considerações acerca dos lugares para a História, as conexões com o turismo são estabelecidas destacando para os visitantes a construção turística dos lugares visitados que são exemplificados nos atrativos existentes no bairro. O turismo é uma atividade que tem importância simbólica destacada na sociedade atual, sendo uma referência do nosso tempo. Comumente, as viagens e visitas turísticas são realizadas em momento livre, com o intuito de distração, quando o tempo parece suspenso e marcado pelo descompromisso, ou seja, a realização de atividades diferentes daquelas do cotidiano rotineiro e habitual (Gastal & Moesch, 2007).

Neste sentido, um diálogo significativo pode ser estabelecido em relação à História, uma vez que o turista e/ou mesmo o residente que vivencia a experiência turística na própria cidade em que mora, experimentando a convivência com o fragmento a partir do contato com os vestígios do passado. O convívio com temporalidades anteriores precisa ser contextualizado para que o passatempo possa se transformar em produção do conhecimento, contribuindo para a construção turística da localidade, agregando novos elementos e oferecendo alternativas à experiência vivenciada. Portanto, o turista - ou mesmo o residente - precisa, por exemplo, ter contato com os processos históricos que marcaram a localidade visitada para que seu olhar possa se ampliar tornando a visita ainda mais enriquecedora, uma vez que muitas características históricas e/ou culturais não podem ser percebidas de forma intuitiva (Camargo, 2002).

No caso da Urca, para além da visita ao atrativo turístico do Pão-de-Açúcar e da breve alusão à fundação da cidade do Rio de Janeiro, o bairro também pode ser conhecido enquanto palco de confrontos políticos relevantes. A partir dos vestígios ainda existentes nos logradouros públicos e das demolições que ocorreram por diferentes motivações, é possível trazer à luz outras percepções e vivências dos processos sociais da cidade. No presente, esse [re]encontro com a cidade do Rio de Janeiro pode levar a pensar o sofrimento, a arbitrariedade, a violência, a disputa em momentos quando as ideias, as falas e as opiniões fazem parte dos lugares políticos da História (Farge, 2011).

METODOLOGIA

A primeira fase da pesquisa destinou-se à identificação de lugares no bairro da Urca que, por intermédio de suas construções ou monumentos existentes, podiam, a partir de suas referências históricas, contribuir para compreensão da história do Rio de Janeiro tanto na condição de Capital Federal, quanto de Estado da Guanabara. Em paralelo, também foram investigados os prédios que foram demolidos e as motivações para tal intencionalidade de apagamento. Para tanto foram realizadas pesquisas bibliográficas e, com o avançar da leitura, as consultas aos periódicos da [Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional](#) também contribuíram para a reflexão. O perímetro de estudo, circunscrito à Avenida Pasteur e Praia Vermelha, foi estabelecido mediante a realização de observação direta e pesquisa exploratória. De acordo com a Figura 1, por intermédio da Av. Pasteur, os visitantes cruzam uma das principais avenidas do bairro para chegar ao Pão de Açúcar, sendo que nesse percurso encontram-se: o campus da Praia Vermelha da UFRJ, o late Clube, o Instituto Benjamin Constant, a Escola Municipal Minas Gerais, a Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais, o campus da UNIRIO e a Praça General Tibúrcio. Além disso, após o acesso ao Bondinho do Pão-de-Açúcar e nas suas imediações, é possível visitar a Estátua de Chopin, a Escola Municipal Gabriela Mistral, os Edifícios Militares e, também, a Pista Cláudio Coutinho.

Figura 1. Mapa do bairro da Urca



Fonte: Santa Teresa & Urca: coleção bairros do Rio (1998. p. 93).

A segunda fase da investigação concentrou-se na caracterização dos periódicos aqui identificados como ‘grande imprensa’, por serem de maior expressão e, também, apresentarem os sinais de modernização nas diferentes temporalidades estudadas. Assim, dois jornais e uma revista foram selecionados e consultados. O primeiro deles foi o *Correio da Manhã*, jornal carioca diário e matutino, fundado por Edmundo Bittencourt em junho de 1901. Logo nos primeiros números, o jornal apresentava-se como defensor dos direitos do povo visando seu bem-estar e suas liberdades e, para tanto, seu foco direcionava-se para questões da justiça, da lavoura e do comércio. A flexibilidade parecia ser a marca deste periódico, que aplaudiu a indicação de Pereira Passos para a prefeitura da então Capital Federal.

Todavia, tão logo os questionamentos à sua gestão apareceram, rapidamente o *Correio da Manhã* abraçou causas como a da Revolta da Vacina, a qual dedicou ampla cobertura jornalística. Por sua vez, o jornal carioca *Gazeta de Notícias* foi fundado em 1876 por José Ferreira de Sousa Araújo e, ainda no século XIX, as suas bandeiras de luta eram a Abolição da escravidão e a Proclamação da República. Com a chegada da nova forma de governo, o jornal identificou-se com a situação e chegou mesmo a ser defensor das elites agrárias. Dito de outra maneira, o governismo era a marca deste periódico. No *Gazeta de Notícias* destacou-se João Paulo Cristóvão dos Santos Coelho [1881-1921], que adotou o pseudônimo João do Rio, por meio do qual se tornou conhecido na condição de cronista que retratava o cotidiano da cidade. Já a *Revista Kósmos* foi fundada em 1904, por Jorge Schmidt, no Rio de Janeiro, sendo sua periodicidade mensal; a revista realizou extensa cobertura por ocasião da realização da Exposição Internacional de 1908, no bairro da Urca (Sodré, 1999). A partir das primeiras décadas do século XX, as revistas semanais apresentavam desenhos, caricaturas e charges de qualidade destacada em relação ao traço dos artistas que as produziam, refletindo o aparelhamento técnico dos periódicos.

Por fim, a terceira fase da pesquisa teve como foco as construções turísticas por intermédio da História, ao estabelecer as conexões entre passado-presente e buscando potencializar a Av. Pasteur para o turismo. Assim, a reflexão é um esforço para compreender esse caminho para além da sua condição de via de passagem a ser cruzada pelos visitantes para chegar ao Pão de Açúcar, um dos mais importantes atrativos turísticos cariocas. A Urca tem potencialidade histórica expressiva para superar a visão superficial de bairro que abriga a estação do Bondinho e/ou local no qual foi fundada a vila que deu origem à cidade do Rio de Janeiro. A apresentação

dos lugares de história existentes ali pode permitir a construção de experiências turísticas ímpares para os visitantes.

QUATRO CONFRONTOS POLÍTICOS REPUBLICANOS NO BAIRRO DA URCA

A cidade é o ponto de partida para nossa discussão e os quatro confrontos republicanos no bairro da Urca analisados estão no século XX. No período de 1904 e 1966, o Rio de Janeiro foi Capital Federal e, depois de 1960, transformou-se no Estado da Guanabara. No cotidiano urbano, as diferentes temporalidades estudadas demonstram o espaço público da circulação cedendo lugar para confrontos políticos. Dois levantes militares, a partir de motivações políticas, a realização da exposição comemorativa de 1908 e, por fim, uma mobilização estudantil de resistência são problematizados. Neste sentido, os militares e os estudantes são grupos sociais importantes para a compreensão histórica do bairro, demonstrando como, no presente, podemos encontrar as marcas do passado. Assim, as contribuições para as construções turísticas são estabelecidas ao permitir que a Urca seja visitada de forma mais criativa e com a possibilidade de produção de conhecimento, estabelecendo conexões para os turistas e/ou cariocas que circulem por ali.

O primeiro confronto republicano refere-se à Revolta da Vacina e seus desdobramentos na Praia Vermelha, de pequenas dimensões geográficas, estando situada entre os morros do Pão de Açúcar e o da Babilônia e, atualmente, sendo frequentada para o banho de mar. No lado direito da praia está o Clube Militar da Praia Vermelha e, no lado esquerdo, a pista Cláudio Coutinho que oferece a possibilidade de passeio ecológico. Por intermédio de caminhadas ou corridas, o percurso rodeado pelo mar permite a apreciação de flora notável. (Praia Vermelha, s.d.). Todavia, essa visão paisagística parece ofuscar as insurreições que marcaram esse cenário e, uma delas, pode ser destacada em função da existência da Escola Militar e de Aplicação da Praia Vermelha e os levantes militares que foram idealizados e organizados em suas dependências. A instituição foi criada como local de aplicabilidade da Escola Central, tendo papel significativo na formação dos oficiais do Exército, uma vez que, o ensino teórico era realizado no Largo de São Francisco situado no centro da cidade.

Figura 2. A Escola Militar da Praia Vermelha



Fonte: Instituto Moreira Salles [Link](#)

Na foto da Praia da Urca [Fig. 2], o Morro do Pão de Açúcar ainda não conta com o bondinho, sendo que este segundo trecho do percurso, com a ligação para o Morro da Urca, já aparece na próxima imagem [Figura 3]. É interessante observar que a Escola Militar está de costas para o mar e voltada para a atual Av. Pasteur. Desta forma, a noção do Rio de Janeiro como uma civilização à beira mar foi uma construção histórico-cultural e, nem sempre, a Praia Vermelha foi vista como um convite ao mergulho. Este trabalho propõe que a experiência vivenciada na atualidade possa permitir aos turistas e residentes mergulharem no passado, a partir de uma organização da questão temporal provocada pela contextualização histórica.

No presente, os nomes dos logradouros públicos destacam antigas personalidades públicas ou, ainda, prestam homenagens aos heróis nacionais. Todavia, essas homenagens não dão visibilidade aos anônimos que lutaram por causas políticas, aqueles que acreditavam e denunciavam as arbitrariedades das autoridades republicanas diante dos questionamentos existentes. A luta, a resistência e o conhecimento são elementos constitutivos da Urca, sendo assim contraponto às movimentações turísticas massivas restritas à visita ao atrativo do Pão de Açúcar ou, ainda, à menção efêmera da fundação da cidade ocorrida no bairro. As contradições e as pluralidades sociais destacadas integram processos históricos que demonstram a complexidade do Rio de Janeiro para além da visão artificial e alegre de cidade maravilhosa.

A Figura 3 registra a Praia Vermelha na atualidade, mostrando a bela paisagem da cidade do Rio de Janeiro nos arredores do Pão de Açúcar e, portanto, não sugerindo em nada os episódios sangrentos que marcaram a história do bairro no século XX.

Figura 3. Praia Vermelha na Zona Sul carioca.



Fonte: 99 Praia [Link](#)

Em 31 de outubro de 1904, diante da aprovação da campanha da vacinação obrigatória, a população reagiu por intermédio de grande motim popular que eclodiu em 10 de novembro. Cinco dias depois, outra rebelião foi superposta a esta primeira manifestação. Por ocasião da celebração da Proclamação da República, uma insurreição militar foi deflagrada com objetivo de depor o então presidente da República, Rodrigues Alves. De acordo com Celso Castro (2004), os militares da Praia Vermelha tinham formação de valor social mais sofisticada e com ideal científico. Assim, eles superavam o positivismo de Augusto Comte, uma vez que tinham formação na Engenharia, com aprofundamentos nos estudos da Matemática, o que era um contraste aos bacharéis de Direito dos primórdios da República no Brasil.

Na noite de 14 de novembro, como a polícia não conseguiu controlar a situação, o Exército foi convocado pelo presidente Rodrigues Alves. A convocação pelo governo repercutiu entre os alunos da Escola Militar do Brasil [Praia Vermelha] que se revoltaram. Há alguns meses, os oficiais vinham tramando uma ação conspiratória e aproveitaram o momento de fragilidade do

governo, explicitada pelos recentes tumultos nas ruas, para se reunirem no Clube Militar com o propósito de estabelecer uma ofensiva. Os alunos militares partiram para o confronto e entrincheiraram-se na rua da Passagem, nas proximidades da Praia de Botafogo. No confronto, o general Travassos [comandante da Escola da Praia Vermelha] morreu e o senador Sodré ficou ferido. O embate terminou com a debandada dos alunos para a Escola Militar e a retirada das forças legais para o Palácio do Catete.

Os ministros da Viação [Lauro Muller] e da Guerra [Marechal Francisco de Paula Argollo] ordenaram a ocupação da Escola Militar onde estavam recolhidos os alunos e determinaram a transferência deles para o centro da cidade. O transporte deles foi feito por cinco bondes da Companhia do Jardim Botânico, que partiram da Urca, os veículos sendo escoltados por destacamentos da Cavalaria. Quando passaram na frente do Palácio do Catete, o presidente Rodrigues Alves encontrava-se na sacada do prédio, acompanhado dos ministros da Casas Civil e Militar. Ao chegarem no Largo da Lapa, às oito horas, os alunos foram presos no Primeiro Distrito Militar e, assim, terminou a insurreição (Borges, 2011).

O estudante Eurico Gaspar Dutra, integrante do lado contestador, foi ferido. Na ocasião, ele tinha dezenove anos e, muitos anos depois, se tornou uma figura política de destaque como Presidente da República (McCann, 2007). É importante destacar que a imprensa carioca realizou a cobertura dos confronto, com destaque para a *Gazeta de Notícias*, que denunciou a coação imposta ao periódico: “Interrompemos a nossa narração às 3h da manhã. Pouco antes foi-nos telefonado do Palácio [sic] que um delegado viria ver as provas da nossa folha para se certificar se damos notícias alarmantes. Respondemos que as nossas notícias eram simples narração de fatos” (Gazeta Notícias, 1904).

O segundo momento refere-se à imposição de as autoridades da época de mostrarem o Rio de Janeiro como uma metrópole em condições de receber os visitantes estrangeiros, a partir da idealização da Exposição Nacional de 1908 - Agrícola, Industrial, Pastoril e de Artes Liberais. As elites republicanas compartilhavam a proposta de exibir para o mundo todo a modernidade e o esplendor da cidade. A data era comemorativa ao Centenário de Abertura dos Portos às Nações Amigas, com destaque para a existência do Pavilhão dos Estados que anteriormente havia sido destinado à Escola de Guerra. Este prédio foi o principal pavilhão da Exposição, com área superior a 7 mil metros quadros e mais de noventa salas para uso dos estados e outras instituições. De todos os prédios, somente ele permaneceu com as características próximas ao

da sua construção e, atualmente, ali funciona o Museu de Ciências da Terra. De forma equivocada, muitas pessoas pensam que aquele prédio pertence a instituição vizinha, isto é, a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro [UNIRIO].

A exposição exibiu um “inventário” do Brasil por intermédio de seus produtos industriais, agrícolas, pastoris e artísticos. Promovida pelo governo federal, apresentou a cidade do Rio de Janeiro, recém urbanizada e saneada pelo então prefeito Francisco Pereira Passos e pelo cientista Oswaldo Cruz. O evento foi encerrado em 15 de novembro daquele ano. Em linhas gerais, a Exposição Nacional de 1908 foi o grande evento final do programa de reforma urbana e sanitária que transformou o Rio de Janeiro no sentido de uma modernidade cosmopolita. (Levy, 2008). Além disso, algumas obras podem ser relacionadas como, por exemplo, a construção do novo porto, a construção de avenidas retilíneas e largas como Francisco Bicalho, Rodrigues Alves, Central e Beira-Mar.

Somado a isso, o aterramento de enseadas e praias, o desmonte do morro do Senado e parte do morro do Castelo, a abertura e embelezamento de praças e jardins da Praça Quinze, Tiradentes, Passeio Público e Campo de Santana também foram inovações do período. Todavia, a derrubada de milhares de casas e habitações coletivas, motivadas pela campanha de saneamento, eram demonstrações da invisibilidade que os governos de então queriam impor aos setores pobres da sociedade do Rio de Janeiro (Azevedo, 2003). Em 1908, a Capital Federal parecia se abrir para o futuro e querer apagar a todo custo o passado tendo como meta atrair libras e dólares para o Brasil. Certamente, a artificialidade que criou este cenário comercial na então Capital Federal, transformou-a em cartão de apresentação da República.

A grande imprensa acompanhou essa movimentação e a *Revista Kosmos* destacou em suas páginas: “Parece-nos, ainda, um sonho esse inesperado aparecimento da pequenina cidade de palacetes nos areais da Urca [...] É a grandiosa feira nacional [...], sob o louvável pretexto de comemorar o centenário da Abertura dos Portos do Brasil ao comércio mundial”. Os periódicos da grande imprensa carioca acompanhavam a movimentação do governo conservador, excludente, preocupado com a imagem do País no exterior, mas que parecia não ter atenção para com a população pobre brasileira. Os confrontos políticos das primeiras décadas do século XX também estavam no campo das ideias e a possibilidade de enfrentar os problemas sociais do País, marcado por mais de três séculos de escravidão, estava fora da pauta das autoridades republicanas que expulsava a pobreza para os arrabaldes.

O terceiro momento refere-se ao funcionamento da unidade militar do 3º Regimento da Infantaria [RI], que foi protagonista principal da Revolta Comunista de 27 de novembro de 1935, sob inspiração da Aliança Nacional Libertadora [ANL], reunindo as tendências de esquerda no País. Com o comando do Coronel José Fernando Afonso Ferreira, o 3º RI estava aquartelado na Praia Vermelha, no prédio onde funcionara até 1904 a Escola Militar. A revolta foi comandada por oficiais e suboficiais militares oriundos dos quadros do movimento Tenentista, iniciado em 1920, com objetivo de promover uma revolução política de viés comunista. A proposta do movimento era o estabelecimento de um governo de base popular, que atendesse tanto as demandas da população trabalhadora quanto combatesse o domínio das oligarquias, do imperialismo e do autoritarismo.

As ações também estavam sendo articuladas no Nordeste do País. Na véspera, o Congresso Nacional aprovou o pedido de estado de sítio com duração de um mês. Na época, as dificuldades de comunicação impediram que os revoltosos do Rio de Janeiro soubessem do fim da rebelião nas cidades de Natal e Recife. O movimento deveria ocorrer no Rio de Janeiro e em várias unidades militares, mas acabou restrito somente ao 3º RI, no bairro da Urca, e na Escola de Aviação do Exército, no subúrbio de Marechal Hermes, com o 1º Regimento de Aviação. Totalmente desarticulada, a revolta foi sufocada em poucas horas.

No 3º R.I., sob o comando do capitão Agildo Barata Ribeiro, uma revolta eclodiu durante a madrugada e com forte reação dos legalistas. Durante o confronto, diversos oficiais e soldados caíram mortos. Os rebelados acabaram ficando confinados no prédio. O solicitado reforço de artilharia pesada não tardou a chegar e o velho prédio do Regimento no bairro da Urca sofreu violento bombardeio (Pandolfi, s.d.).

Em 28 de novembro de 1935, o *Correio da Manhã* realizou ampla cobertura daqueles acontecimentos, identificados pelo jornal como grave rebelião militar, com destaque para o plano de ação de ataques aos sediciosos do 3º R.I. De acordo com a matéria, as ruas, as praças e o morro que ficam no entorno da Praia Vermelha foram tomados de surpresa pelo ataque bélico que atingiu a região. O trânsito foi interditado para facilitar o livre acesso da tropa que tomava posição para atacar o reduto dos rebeldes, o que permitiu o controle daquele prédio do Exército. A parte central do quartel teve enorme rombos produzidos pelas granadas das forças do governo e, ao final do combate, algumas casas da Urca encontravam-se crivadas de balas. Na esquina da Av. Pasteur com a rua Ramon Franco, uma residência tinha praticamente todos os

vidros partidos e o emboço da parede externa estava cheio de buracos uma vez que, no dia anterior, uma metralhadora pesada estava instalada ali para atacar o quartel (Correio da Manhã, 1935).

Em relação ao bairro, a atual sensação artificial de segurança pela presença das instituições militares existentes na Urca nem sempre foi uma realidade. Anteriormente, a concentração de militares ali era sinal de vulnerabilidade em função dos confrontos travados em suas avenidas e ruas. Atualmente, na Praça General Tibúrcio, na frente da Estação de acesso ao Pão de Açúcar, há o monumento aos Soldados Mortos na Intentona de 1935. A partir de iniciativa das Forças Armadas, ali estão as urnas funerárias dos mortos no episódio, sendo que anteriormente estiveram depositadas no cemitério São João Batista (Guia Michelin, 1990).

O último momento refere-se à madrugada de 22 de setembro de 1966, por ocasião do Dia Nacional da Luta contra a Ditadura, estabelecido pela União Nacional dos Estudantes [UNE]. O episódio ficou conhecido como o Massacre da Praia Vermelha devido à invasão da Faculdade de Medicina pela polícia da ditadura militar. Na ocasião, cerca de seiscentos estudantes que haviam ocupado a unidade foram retirados à força pelos policiais. O confronto produziu reações opostas e algumas testemunhas consideravam que os jovens praticaram atos de vandalismo contra as instalações da Faculdade e, por isso, a polícia fez uso da força contra os estudantes. Apesar de não existir registro oficial de mortes, o episódio foi considerado um marco na história do movimento estudantil pós-1964, e no combate à ditadura militar.

Durante a madrugada, policiais militares derrubam o portão da Faculdade Nacional de Medicina, na Praia Vermelha, e invadiram o prédio onde estavam os estudantes desde a véspera. Concentrados no terceiro andar, os jovens foram obrigados a atravessar um corredor polonês e espancados indiscriminadamente até a saída da faculdade. Depois de golpe de 1964, este foi o primeiro grande confronto entre forças da repressão e os estudantes. À mesma época da invasão à UFRJ, greves estudantis ocorreram em São Paulo e no Rio de Janeiro e os líderes do movimento foram presos. As bandeiras de luta tinham diferentes motivações como, por exemplo, os custos elevados das refeições subsidiadas para os estudantes (Faculdade de Medicina, UFRJ, s.d.).

Borges, V. L. B. (2022). Os Lugares para a História e a construção turística no bairro da Urca/RJ: os processos históricos e os confrontos políticos republicanos em diferentes temporalidades. *Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade*, 14(1), 58-76. <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v14i1p76>

Figura 4. A antiga Faculdade Nacional de Medicina da UFRJ



Fonte: Universidade Federal do Rio de Janeiro [Link](#)

O Curso de Medicina funcionou na Praia Vermelha entre 1919 e 1972 e, posteriormente, foi transferido para a Ilha do Fundão, unindo-se as demais Unidades Acadêmicas da UFRJ. Para os professores da Faculdade de Medicina da UFRJ, estudar na Escola da Praia Vermelha significava acumular um enorme capital social e esse prestígio estava relacionado a uma conjugação de fatores. O primeiro deles era a grandiosidade arquitetônica de sua sede. O segundo estava relacionado à memória da instituição representada nos quadros de professores que por lá passaram ao longo de dois séculos. Por fim, o intenso convívio existente entre professores, alunos e funcionários era algo sempre valorizado. Em 1974, este prédio foi demolido; atualmente o terreno pertence à Unirio e ali funciona o novo prédio do CCH, sendo o Departamento de Turismo e Patrimônio uma de suas unidades acadêmicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde 1992, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [Unesco] passou a adotar a paisagem cultural como uma nova tipologia de reconhecimento dos bens

culturais. Os sítios vinculados a esta categoria referiam-se às áreas rurais, aos jardins históricos dentre outros tipos. Em 2009, a candidatura do bem Rio de Janeiro foi apresentada e, posteriormente, aprovada e sendo identificada como Paisagens Cariocas entre a Montanha e o Mar. Assim, essa foi a primeira área urbana do mundo a receber esse título a partir de deliberação da Sessão do Comitê do Patrimônio Mundial, realizada em São Petersburgo, na Rússia (Rio de Janeiro, s.d.).

O conceito de *paisagem* é bastante utilizado por estudiosos de diferentes áreas do saber, apresentando inúmeras possibilidades para pesquisa. Em linhas gerais, a paisagem pode ser percebida como o produto da relação com o meio, no qual os humanos vivem abarcando diferentes temporalidades e espaços o que permite um olhar específico a partir das marcas e vestígios encontrados (Pimenta, 2016). Tendo como sentido a imagem no mundo contemporâneo, a ideia de paisagem pode ser compreendida por sua interseção com o urbanismo, enquanto uma das chaves para uma mudança qualitativa da sociedade e da vida humana. Em um mundo globalizado, em que se diferenciar adquire importância, as pessoas [turistas e residentes] esperam vivenciar experiências turísticas que se adaptem às suas necessidades, sua situação pessoal, seus desejos e preferências.

A Urca possui construções com diferentes estilos arquitetônicos. A pequena área do bairro serve como exemplificação da transformação arquitetônica e das modificações urbanísticas da cidade do Rio de Janeiro. O bairro tem exemplos de construções neoclássicas do século XIX, passando pelo estilo eclético do início do século XX até os modernos prédios construídos desde os anos de 1980. Do estilo neoclássico, os melhores exemplos estão na antiga Praia da Saudade, atual Avenida Pasteur (Guais da Arquitetura, 2000) A partir da História, é possível perceber as marcas patrimoniais nos prédios, nas ruas e nos monumentos do bairro podendo despertar interesse para a visita junto aos turistas sempre tão ávidos em viajar no Bondinho do Pão de Açúcar.

A possibilidade da construção turística da Urca demonstra, a partir desses processos históricos analisados no trabalho, que o bairro pode ser reconhecido pelos turistas e/ou residentes por perspectivas históricas diferenciadas. Neste sentido, o bairro tem muito mais oferecer do que as referências consolidadas associadas à região, isto é, a fundação da cidade e a existência de um dos atrativos turísticos mais importantes da cidade do Rio de Janeiro, o Pão de Açúcar.

Por fim, a origem do nome Praia Vermelha tem duas justificativas bem conhecidas. A primeira delas está no fato de que em suas areias podem ser vistos cristais de granada. Já a segunda

refere-se ao fato de que ela é assim chamada porque a areia fica avermelhada quando o Sol se põe, provocando o reflexo da luz solar nos cristais vermelhos e rosas de suas areias (Guia Michelin, 1990). Certamente, o vermelho de seu nome pode ser compreendido também como alusão aos inúmeros confrontos marcados por sangue de pessoas, civis e militares, que defenderam suas bandeiras de lutas políticas em embates travados no bairro contribuindo para a compreensão da história da cidade do Rio de Janeiro.

Bem vindos à Urca!

REFERÊNCIAS

- Azevedo, A. N. (2003). A reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana. *Revista Rio de Janeiro*, 10(2), 35-63. [Link](#)
- Bairro da Urca. (s/d). *História: a ideia de um novo bairro*. [Link](#)
- Borges, V. L. B. (2011). *A batalha eleitoral de 1910: imprensa e cultura política na Primeira República*. Rio de Janeiro: Apicuri, FAPERJ.
- Camargo, H. L. (2002). *Patrimônio Histórico Cultural*. São Paulo: Aleph.
- Correio da Manhã. (1935, 28 de novembro). Dominada nesta capital uma grave rebelião militar. *Correio da Manhã*, 35(12.589), 3-5. [Link](#)
- Castro, C. (2004). *O espírito militar: um antropólogo na caserna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Czajkowski, J., & Sendyk, F. (2000). *Guia da arquitetura art deco no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo.
- Czajkowski, J. (2000a). *Guia da arquitetura colonial, neoclássica e romântica no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo.
- Czajkowski, J. (2000b). *Guia da arquitetura eclética no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo.
- Faculdade de Medicina – UFRJ (s.d.). *História da Faculdade de Medicina: Um pouco de nossa história*. [Link](#)
- Farge, A. (2011). *Lugares para a história*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Fraiha, S. (1998). *Santa Teresa & Urca*. Coleção bairros do Rio. Rio de Janeiro: Fraiha.
- Gaspari, E. (2004). *A Ditadura Envergonhada: as Ilusões Armadas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Gastal, S., & Moesch, M. (2007). *Turismo, Políticas Públicas e Cidadania*. São Paulo: Aleph.

Borges, V. L. B. (2022). Os Lugares para a História e a construção turística no bairro da Urca/RJ: os processos históricos e os confrontos políticos republicanos em diferentes temporalidades. *Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade*, 14(1), 58-76. <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v14i1p76>

Gazeta de Notícias. (1904, 16 de novembro). *Gazeta de Notícias*, (321), 1.

Gerson, B. (2015). *História das Ruas do Rio*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi.

Guia Michelin Rio de Janeiro: Cidade e Estado. (1990). Rio de Janeiro: Arturial.

Knauss, P. (2008). No rascunho do Novo Mundo: os espaços e os personagens da França Antártica. *História*, 27(1), 143-153. [Link](#)

Kósmos. (1908, julho). Exposição Nacional de 1908. *Kósmos - Revista Artística, Científica e Literária*, 5(7), 1-3. [Link](#)

Levy, R. (2008). *Entre Palácios e Pavilhões, a arquitetura efêmera da Exposição Nacional de 1908*. Rio de Janeiro: EBA.

McCann, F. D. (2007). *Soldados da Pátria: história do Exército brasileiro 1889-1937*. São Paulo: Companhia das Letras.

Monumento Natural dos Morros do Pão de Açúcar e da Urca - MoNA (2020). *História*. [Link](#)

O Globo. (2019, 06 de dezembro). Escola Militar e de Aplicação da Praia Vermelha. *O Globo – Rio Show*. [Link](#)

Pandolfi, D. C. (s/d.) A revolta comunista de 1935. *Fundação Getúlio Vargas - Fatos e Imagens: artigos ilustrados de fatos e conjunturas do Brasil*. [Link](#)

Pimenta, M. A. (2016). Em busca do sentimento da paisagem. *Caderno Metropole*, 18(37), 863-877. [Link](#)

Praia Vermelha. (s.d). [Link](#)

Prefeitura do Rio de Janeiro. (s.d). *Patrimônio Mundial como Paisagem Cultural Urbana*. [Link](#)

Sodré, N. (1999). *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad.

Visite Rio. (s.d). *Visite Rio - Praia Vermelha*.

PROCESSO EDITORIAL

Recebido: 22 NOV 20 Aceito: 21 DEZ 21